

# Ainda na encruzilhada

De momento não interessa só discutir sinceridades. Interessa também discutir a justeza das posições sinceras. A admiração cega pelas intenções é tão perigosa como a não valorização das intenções. Em muitos momentos e em muitos casos, há homens sinceros tão daninhos como homens inconvictos. O ser bem intencionado — embora seja magnífico ponto de partida — não deve constituir absolvição para todos os erros. Por isso, ante as acções dum homem, não há apenas que fixar a atenção num intrínseco valor «Humano», desprezando dos efeitos das suas manifestações externas. Há que fixar profundamente a atenção no que esse valor humano representa de útil para os outros homens. Só então se poderá «julgar», se é que julgar tem alguma valia. Por isso digo: De momento não interessa apenas discutir sinceridades. Interessa também discutir a justeza das posições sinceras.

Quando se critica a atitude na vida prègada por alguns artistas, quando se condena a prègação da fuga, da renúncia, do cansaço, do desalento, não se quer significar que esses artistas sejam insinceros e mal-intencionados. A sua sinceridade de raiz e as suas limpas intenções abrem mesmo a possibilidade duma aproximação fraterna. Mas a compreensão da sinceridade dos prègadores da vida solitária, sejam zaratustrazinhos ou adoradores do próprio umbigo, em nada exclue a crítica de quem não fugiu do «populacho» nem da praça pública, de quem percebe porque muitos homens, depois de tentarem ouvir as belas e egoístas palavras do ser superior, se resolvem a ir ver o saltimbanco.

Contudo, nem sempre o «populacho» abandona os que o abandonaram, mandando-os para as altas alturas discursar às rochas inertes. Não deve esquecer-se que os zaratustrazinhos e os adoradores do próprio umbigo, a-pesar da sua vida distante e deformada, são homens. Mais ainda: são homens de sensibilidade apurada, que sentem — quantas vezes contra vontade, quantas vezes como éco dum remorso — o seu desconfortante isolamento e a sua falsa superioridade. Talvez por isso, os cantores da solidão conseguem exprimir em belíssimas formas aquilo que sentem e sofrem; conseguem exprimir-se até mais vibrantemente e com maior acento de convicção do que os poucos que entre nós esboçam o canto da vida dos outros. Possivelmente porque conhecem melhor e sentem mais do fundo a sua vida íntima que estes a vida dos outros. Mas que acontecerá quando houver quem sinta e consiga exprimir o seu amor compreensivo pela multidão! Os cantores da solidão e do desalento serão olhados como bichos raros e exóticos... embora, por vezes, geniais!

*Nota da Redacção.* — Este artigo do nosso prezado colaborador Alvaro Cunhal foi-nos entregue há já algum tempo. A sua inserção na *Seara* foi, porém, retardada, devido à acumulação de outros originaes.

Por enquanto é indiscutível que da beleza e intensidade das suas formas de expressão — bem como do grande cortejo fúnebre que constituem —, deriva uma certa influência das suas obras. Lembremo-nos de que a insistência do meio estrutura e modifica os indivíduos. As obras de arte, particularmente as literárias, são um poderoso agente de modelação de sensibilidades e opiniões. As obras de arte agem sobre aqueles que as olham, lêem, ouvem. O pacifista, por exemplo, pode vibrar momentaneamente, num arrastamento impulsivo e confrangedor, ao som marcado e embriagante duma marcha militar. O homem do «populacho», portanto inimigo de todos os pretensos super-homens, pode ser tomado de emoção ao ler algumas passagens de *Assim falava Zaratustra*. Pode crer, Frei Carlos, que não é necessário serem os companheiros de «miserável espécie», nem «menores», nem «pobres almas facilmente sugestionáveis», nem «escravos» (*Diário de Lisboa* de 5-6-39), para que a sua linha de conduta possa ser perturbada por obras literárias com que não estão de acórdo talvez, mas a cujo encanto emotivo não podem furtar-se. Repare também que «perturbada» não significa «abandonada». Pode crer que a sua linha de conduta (sua, Frei Carlos) tem sido perturbada — quantas vezes? — por elementos que lhe são estranhos e talvez mesmo hostis. A sua linha de conduta, como a de todos os homens.

Isto explica por que certos homens não aceitam, antes combatem, a *prègação duma arte alheia à vida* (como se a arte não fôsse uma manifestação da vida!) e falam em literatura e em crítica sem se deixarem embalar e adormecer pelo «génio literário» e o «discernimento crítico». Julgo não ser grande mostra de amor pela literatura procurar isolá-la da vida. E é isso que fazem, com uma insistência verdadeiramente notável, os que se deixam embalar e adormecer pelo «génio literário» e «discernimento crítico». Ora a literatura não é uma categoria abstracta. Entre as várias manifestações artísticas, ela ocupa um lugar à parte. Os escritores são, de todos os artistas, os que teem uma mais activa intervenção na formação dos pareceres alheios. Os escritores influenciam assim o caminho do mundo (quer queiram, quer não; esmolem ou não aos outros que os leiam). Daí um interesse *real* pela literatura por parte daqueles que se preocupam absorventemente com o caminhar do mundo. Querer ligar a literatura à vida colectiva não é manifestação de «um muito relativo interesse» pela literatura. Nada se lhe retira; e dá-se-lhe um mais largo horizonte e uma mais nobre missão.

Por outro lado, não é difícil compreender que o canto da abstenção ou da fuga, do cansaço ou do amor, dos passarinhos ou do murmurar dos regatos, exprime uma posição em determinado momento (pode o cantor ter no seu íntimo qualquer outra directriz; quando se está a julgar a obra de arte, não se pode estar a aferir o seu significado



com o pensamento do artista, reservado, ou exteriorizado noutros actos). Se dum grupo de miseráveis famintos, que labutam para matar a fome, um se destaca e vai apanhar borboletas e depois volta ao grupo cantando a beleza da caça às borboletas — quem poderá negar que o canto da beleza da caça às borboletas exprime, reflecte, uma atitude do miserável faminto tornado cantor da beleza da caça às borboletas? Tenho pena de não poder ser mais claro. Mas julgo não serem demasiado obscuras as seguintes palavras que um dos outros do grupo diga aos seus companheiros: «Este homem abandonou-nos e agora vem propor-nos uma caça estranha. Meus amigos: não consta que os lepidópteros dêem bifés». O mesmo poderá voltar-se para o cantor da caça às borboletas e dizer-lhe: «Tu não és mau rapaz; mas não vês que nos estás a interromper e a distrair? Poderás, caso queiras, cantar o que nos preocupa ou cantar *sem letra* — pois nós também precisamos de música. Mas escusas de vir reclamar o teu pânico, a tua fuga, a tua caça afinal».

Esta distinção — entre a compreensão da sinceridade do prægador e a compreensão dos resultados nefastos da acção sincera do prægador — deve ser percebida, se tanto fôr possível, pelos próprios zarustrazinhos e outros solitários amadurecidos, que, além da forte «capacidade de discernimento», possuem a «da necessária atenção a compreender qualquer doutrina, pensamento ou individualidade menos simplicista» (J. Régio; *Seara Nova*, n.º 619). Percebida esta distinção, julgo não ser exacto, nem «verdadeiro», nem «justo», afirmar-se que (para os que combatem a influência nefasta de tais cantores)... «o que interessa não é amarmos a verdade e a justiça, mas desembaraçarmos o caminho por onde queremos passar» e que, para esses mesmos, o «homem tem a obrigação de saber sacrificar a verdade à oportunidade» (Gaspar Simões, «Suplemento Literário do Diário de Lisboa» de 15-6-39).

Estas palavras — verdade, justiça — sendo das mais absolutas, são, talvez por isso mesmo, das mais relativas. Servem em tôdas as bôcas e para todos os paladares. Eu pergunto com a minha bôca e a paladar meu: Não será «verdade» (verdade para ti, homem da praça pública) que o canto da fuga, da renúncia, do desalento, exerce uma influência que prejudica, que confunde, que perturba, que dispersa as atenções da luta diária que na encruzilhada se trava? Admitindo que isto é «verdade», não será «justo» (para ti, homem da praça pública) combater a influência de tais cantores?

Tenho por certo que, mesmo os que julgam ser possuidores do conhecimento duma justiça e duma verdade absolutas, eternas, imutáveis, não deixam de possuir uma verdade e uma justiça tão relativas como as daqueles que tem a compreensão da relatividade da própria verdade e da própria justiça. É que há sempre, por muito imparcial e desapaixonado que se seja, um ponto de mira apaixonante. Quando José Régio diz que o seu amor pelos desherdados «enraiza num profundo sentimento de fraternidade e justiça», talvez que o seu seja o nosso ponto de mira, talvez que a sua justiça esteja próxima da nossa. Mas quem o pode garantir? quem pode ajuizar com segu-

rança de que «justiça» se trata, no vai-vem de preocupações e ansiedades que transpira do que escreve? Em justiça fala também C. R., na nota apensa ao meu artigo no n.º 615 da *Seara Nova*. Aliás essa nota não me surpreendeu. Há exemplos na história do perigo que corre aquêle que se lembra de denunciar o crime no local onde foi cometido; eu sabia portanto do «risco» que ia correr... E fui ver a «injustiça» que poderia haver no «tom indignado e levemente motejador das minhas palavras». Porque, embora digam não crê-lo alguns senhores, cuido que não se deve discutir por discutir, numa irredutibilidade teimosa e leviana; mas antes penso dever discutir-se (com mais ou menos crueza é uma questão de feitio) para esclarecer e para aproximar.

Não, não esqueci que José Régio chamou *poema* (e não *poemas*) às «Encruzilhadas de Deus». Se alguém disso se esqueceu foi o próprio José Régio quando, logo após ter lamentado o meu suposto esquecimento, fala em alguns poemas e em «poemas» do mesmo livro (ver *Seara Nova*, n.º 619, pág. 7). Não, não me passou despercebida a «cúpula do livro» — a *Sarça Ardente*.

Eu quero esclarecer que falo neste momento da poesia de José Régio (sobretudo de «As encruzilhadas de Deus») porque ela canta com um *realismo* impressionante a tortura do desalento, da fuga e da indecisão, canto êsse comum a muitos outros poetas e poetazinhos portugueses e a outros portugueses que não foram fadados para a poesia. (É particularmente doloroso ouvir jovens, alguns crianças ainda, cantar o seu cansaço e a sua velhice). Mas nenhum como José Régio conseguiu exprimir com tão grande beleza, vibração e angústia, a situação do homem que se afastou das multidões anónimas, do homem a quem faltam forças para romper o isolamento, do homem a quem a vida chama ainda e que não vê outra maneira de dela se aproximar, fora a expansibilidade do seu eu. Daí o grito a que não é estranho o remorso e o desespero:

«Se é vida êste contínuo e fruste parto,  
vivi, Senhor!, vivi! mas cá farto.  
Cá farto de mim, Senhor!, exausto,  
Farto de mim, de tudo...»

(*Sarça ardente*)

Do homem que, mesmo quando tenta fundir-se com a multidão, «ser como esta gente, ser bem menos gente! Ser mais tôda-a-gente que tôda esta gentel» sente que «ninguém compreendeu... êste diálogo entre mim e eu» (*Fantasia sobre um velho tema*); sente que são «pálidos e gagos sons que diz ao sarcasmo e à surdez da multidão» (*Sarça ardente*). Do homem que «vai fechar-se num cubículo onde não haja ninguém»; do homem que reduziram a isto: «Só a mim amo,» (*Carta de amor*). E se, em rebates, a alma nega que «o cansaço do corpo seja o seu» (*Canção de guerra*) e procura sobrepor-se aos males do mundo, a ânsia de elevação e expansibilidade volta ao homem tateante — que se encerra em si para de novo se projectar no universo.

«Dobrado sobre mim próprio,  
Aqui, sentado;  
Aqui, sentado,



Sobre mim próprio dobrado

Sinto-me subir, suspenso  
De não sei que abraço imenso"...

(Caos)

«...quando ora escrevo: eu... quero dizer sòmente que não é de mim que falo...» (id.) Depois, um momentâneo e desesperado desejo de vida, — «que eu sei que é faminto dela que me hei-de matar» (Amen) — um sôfrego e abafado desejo. São as instâncias dum mundo longínquo embatendo nos píncaros e ressoando nos desfila-deiros. Das as crises do solitário, o «beijocar e esmurrar o próprio peito» (*Sarça ardente*). Uma recordação nostálgica do mundo e logo o desalento, a dúvida, o cepticismo: «mentira tudo o que sinto, mentira tudo o que penso, mentira tudo o que digo, tudo mentira!» (*Alegria*). E do cabriolar de sentimentos do solitário, das suas dúvidas e abalos, só o eu se salva, um eu indeciso e abandonado, tendo no interior um desejo desorientado, ainda que ardente, e tendo em frente a incerteza e o vácuo:

"Sei que o deserto é o meu caminho

Sei que o pavor, a noite, o frio,  
serão jardim da minha ermida"

(Carta de amor)

É um grito de quem está longe das multidões. Quando se vai junto de companheiros amigos, não é o pavor, a noite e o frio que nos rodeiam trágicamente, mas antes a coragem confiante, a luz que ilumina, a acariciante temperatura duma esperança colectiva. Distante e desgarrado, o solitário não pode acompanhar a multidão. Sôzinho, diante de si próprio, faz de si seu próprio companheiro (*Poema de amor sem fé nem esperança*). E após uma «viagem cheia de rodeios, quedas, hesitações, regressões, etc.» (*Seara Nova*, 619) o solitário acaba por encontrar um fito, o fito dos que não tem fito, o arrimo dos crentes que não crêem no mundo nem nos homens. A «atitude mística» dá ainda maior realce à atitude do solitário que, correndo o mundo e conhecendo os homens, não soube encontrar um destino terreno e humano. Encontrou-se a si e encontrou o desconhecido! A atitude mística é mais uma fuga, um refúgio (a última fuga? o último refúgio?) para o cansado, o desalentado, o que renuncia. Não se trocou a praça pública pela montanha agreste e magestosa; preferiu trocar-se a praça pública pelo eremitério. No fim de contas, uma questão de mau gosto que nem aproxima o solitário dos outros homens nem lhe dá um objectivo para caminhar com eles.

Mas pode estar certo, José Régio, que não linjo crer que é insensível ao «perturbado momento que atravessamos» — *porque admito que o homem solitário cantado por José Régio não seja o próprio José Régio*. Uma tal insensibilidade não pode existir, nem em José Régio, nem em nenhum outro homem normal. Por um singular e raríssimo paradoxo, pode mesmo acontecer que um homem «cuja obra de pensamento, crítica ou arte, se mantém alheia aos problemas urgentes no nosso momento histórico», na vida não fuja «a tomar as atitudes mais categóricas e a manifestar o mais

activo interesse por êsses mesmos problemas» (*Seara Nova*, 619). Mas é necessário não esquecer que a obra do pensamento não está fora da vida e que, portanto, podem aplaudir-se as tais «atitudes categóricas» e o tal «activo interesse» e, ao mesmo tempo, lamentar que a obra de pensamento não seja, por sua vez, uma atitude categórica e a manifestação dum activo interesse.

A obra do artista é, em geral, um espelho da sua sensibilidade e da sua visão do mundo. Em relação aos poetas que cantam a solidão — as maravilhas e as torturas da solidão — como afirmar que nêles seja intenso o amor pelos desherdados? É, sendo tão forte, como dizem, o seu amor pelos desherdados, porque não encorajam — por amor aos desherdados — os artistas cujas obras procuram ir ao encontro das angústias dos desherdados? Porque não estimulam — por amor aos desherdados — o interesse por tais obras, algumas das quais poderão talvez não ser geniais, mas encerram a grande virtude de chamar as atenções para uma face do mundo quasi desconhecida? Porque preferem — por amor aos desherdados? — sobrepôr «o génio literário» e «o discernimento crítico» ao conteúdo da obra literária ou da crítica? Ou não lhes interessará que êsse conteúdo seja favorável ou desfavorável aos desherdados?

Mas aceitando o tal raríssimo paradoxo: como deixar de estranhar que tais poetas não sintam a necessidade de exteriorizar êsse seu amor, de cantar as amarguras e as tragédias dos outros? Talvez afinal se trate duma questão de método... É pecha dos «homens superiores» a idea de que conhecem a humanidade através do conhecimento que de si próprios tem. Como se, no atafalhado gabinete, se pudesse sentir o calor dos corpos da multidão. Como se, dos píncaros gélidos da montanha, se enxergasse com exactidão o que se passa na encruzilhada. José Régio tem razão quando diz que «não pode haver poesia dramática, nem romance, nem teatro... sem o conhecimento do homem» (*Seara Nova*, n.º 619). Mas conhecer o homem não quer dizer apenas entranhamento na agitação íntima dum Raskolnikoff. Não é menos homem aquê que tem uma vida íntima menos intensa e alucinante. O conhecimento do homem não é só o conhecimento dum homem ou do que há de *excepcional* ou de anormal neste ou naquele homem — ou em nós próprios. E, também e principalmente, o conhecimento do que há de comum, de anormal e até de trágicamente vulgar num grande número de homens. Para conhecer o homem não basta uma análise psicológica. É igualmente necessário conhecer o seu meio, as suas condições de vida, etc., as determinantes afinal das suas actividades psíquicas. Para José Régio, o conhecimento do homem é qualquer coisa de profundamente íntimo: «sei não ser eu, homemzinho particular, o que nos meus livros pode interessar os outros, mas o que através dêsse homemzinho particular se revele do homem universal, do homem eterno, de todos os homens (mais modestamente: pelo menos, do homem duma certa raça e duma certa época)». Pois não será a revelação do «homem universal» através do próprio eu a clara tradução da posição do solitário, ou do zaratrastazinho ou do adorador do próprio umbigo? Mas José Régio tem



parcialmente razão: o que mais interessa nos seus versos é o que através desse homenzinho particular se revela de certos homens duma certa raça e duma certa época: é a revelação do cansado, do desalentado, do solitário, hoje tão comum entre nós.

Mas ninguém nega que, no fundo, exista nos solitários, que se afastaram da encruzilhada, uma simpatia intencionalmente generosa, leal, mas *vinde lá muito de cima* pelos desherdados e pelos ofendidos. O cantor da beleza da caça às borboletas não pode esquecer totalmente os seus companheiros famintos. De quando em quando, os rumores das lutas vão-se esbater nas paragens onde se refugiaram os solitários. Mas, quando estes resolvem «descer ao terreiro», trazem nos lábios um convencido rictus de quem está de posse de eternas verdades. Nota José Régio que: «se lembram alguns de me chamar tôdas essas tristes coisas (um desalentado, um cansado, um homem que foge e que renuncia) no próprio instante em que, obedecendo ao seu apêlo e descendo ao terreiro, mais activamente luto *contra as suas confusões, inexactilidades e levandades*». É o pensamento de quem *desce* com a generosidade superior do organizador duma festa de beneficência. Descer ao terreiro para dar, para ensinar. Nunca para receber, para aprender. Deste hábito de *descer*, a desculpável intenção... com que dão alguns remoques cuja direcção não é difícil de perceber: quando falam na imposição de vontade, doutrina e interesse «às pobres massas incultas», etc. Vontade de fazer tal imposição poderá talvez existir nos que, para se aproximarem da multidão, julgam *descer*, nos que querem dar por caridade. Não poderá existir nos que pensam não haver só que ensinar às massas incultas, mas ainda aprender com elas. É que elas ensinam muito de grande e muito de complexo. Elas abrem ao homem que as ama, mas a elas não pertence, uma nova e luminosa visão do mundo. *Ensinar e aprender com elas*. Colaborar. De forma nenhuma impor. De forma nenhuma julgar que se conhece melhor que elas, sob todos os aspectos, o mundo em que se vive. Poderia um camponês ignorar a redondeza da terra. A-pesar disso, um geógrafo muito teria que aprender com o camponês acerca do mundo. Julgo ser neste sentido que os que se debatem violentamente no momento presente, aqueles que «*realmente* e não em sentido metafórico arriscam a vida», devem lançar apêlos aos artistas que estão próximos em sentimentos (contudo talvez menos próximos do que julgam) mas estão distantes em palavras e obras. Que desçam ao terreiro, sim. Mas para dar e para receber. Não como homens superiores, mas como amigos leais e despretenciosos.

A sinceridade pode ser o ponto de partida para uma aproximação fraterna, para um regresso ao mundo de colectivos dos solitários desgarrados. Porém, quanto aos artistas em cujas obras literárias não transparece com clareza a vontade dessa aproximação fraterna, difícil se torna acreditar na sinceridade do tal apregoado amor — embora se possa crer na sinceridade da afirmação da existência de tal amor. Que melhor prova dêsse seu amor lhes era possível dar do que traduzi-lo nas suas produções artísticas, onde põem o que tem

de mais fundo e sentido? É verdade que se não podem impor temas. Não se pode exigir, daqueles em quem êsse amor não é tão intenso que force à necessidade de expansão, que cantem os males e as esperanças das multidões. Quem o não sente não o pode (nem deve) exprimir. Mas será erroneo concluir que quem o não traduz é porque o não sente?

Depois, êsse infantil sistema do *quero meças!* Que tens feito mais do que eu? que tens feito? Coisas de difícil medição, na verdade. E quem ama os desherdados, quem a êles dá e dêles recebe, nunca pensou em fazer uma conta-corrente. Talvez falta de precaução...

Mas o que interessa não é disputar por disputar. A disputa sem conteúdo e sem finalidade é tão abstrusa como a literatura só literatura. A disputa tornar-se-ia chinfreineira, como a literatura se tornaria sintaxe musical.

Afinal o que desejam os que se debatem na encruzilhada, dos que estão afastados em palavras embora próximos em sentimentos?

Desejam que liguem mais as suas preocupações à vida de todos os dias. Desejam que olhem certos aspectos da actividade humana pelo prisma dos interesses vitais da humanidade. Desejam que esbatam por momentos os seus dramas exclusivamente íntimos para se fundirem no grande drama geral da hora presente. Desejam a sua companhia amiga, sincera e bem intencionada. Isto desejam os que não saíram da encruzilhada. Porque não há agora tempo para pensar demasiado em nós próprios. Há que estar com os outros. Há que caminhar de mãos dadas, talvez só provisoriamente, mas há que caminhar!

E, se êles permanecerem afastados e indiferentes (não no seu íntimo mas no que dizem) às dores e às esperanças das multidões e *continuarem aconselhando afastamento e dispersão*, que fazer? Deixar campo livre à expansão das suas opiniões isolacionistas? Ficar admirando em êxtase a sua sinceridade e o seu possível talento? Não. Há que combatê-los, há que pôr os outros em guarda em relação às suas palavras, há que explicar tim-tim por tim-tim o significado das suas atitudes.

Isto não impede que, ao mesmo tempo, se conheça e aprecie a sua sinceridade e as suas limpas intenções. E se acredite, por isso, que venham ainda a sentir a necessidade de acompanhar lado a lado os homens que ficaram na encruzilhada. Caso isso aconteça, é certo que se lhes abrirão os braços fraternalmente.

ALVARO CUNHAL

Nota — No meu artigo "Numa encruzilhada dos homens" (*Seara Nova*, n.º 615), além de outras gralhas sem importância, safu completamente alterada a seguinte frase: "Se por acaso lá à sua peanha, chega o ruído das lutas que se travam na encruzilhada, tapam os ouvidos, para evitar recordações que perturbem a sua fremente análise interior, etc." — A. C.



*A felicidade é uma ideia nova na Europa.*

SAINT-JUST

(Relatório sobre o decreto do 23 ventôse do ano III, 3 de Março de 1794).